

pet.

ciênciassociaisUFPR

VOLUME 10

além do olhar



Agradecimentos

Os nossos agradecimentos desta edição vão especialmente para o professor Julian Simões, pela sua participação como debatedor no CinePET e para Roberto Nascimento, pesquisador sobre a obra de Lars Von Trier, por ter nos escrito o texto “O que há para ver?” e que se encontra nesta edição do Petzine! Muito obrigado!

Sumário

Agradecimentos.....	3
CinePET do mês.....	5
Dançando no escuro.....	5
Conversa com curador.....	6
O que há para ver?.....	7
Conhecendo a artista: Björk.....	9
Indicação de música: Pagan Poetry, de Björk.....	10
"Nada Sobre Nós, Sem Nossos Corpos! O Local do Corpo Deficiente nos Disability Studies".....	11
A Multiplicidade do Cuidado na Experiência Deficiente.....	12
Trabalhos de amor perdidos? Feminismo, Movimento de Pessoas com Deficiência e éticas do cuidado.....	13
Mommy.....	14
Medo de um planeta aleijado? – Notas para possíveis aleijamentos da sexualidade.....	15
Sua cadeira é um tesão - Crônica.....	16
Antropologia do devir: psicofármacos - abandono social - desejo...17	
Inclutopia – Canal no Youtube.....	19
Deficiência como categoria analítica – Trânsitos entre ser, estar e se tornar.....	20
Gramáticas do capacitismo - diálogos nas dobras entre deficiência, gênero, infância e adolescência.....	21
QUEM ESCREVE PELA DEFICIÊNCIA NO PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO?.....	22
FIQUE DE OLHO.....	23
Fale conosco.....	24

CinePET do mês

Dançando no escuro



Selma Jezkova (Björk) é uma mãe-solteira tcheca que foi morar nos Estados Unidos. Ela tem uma doença hereditária que a faz perder a visão, algo que também deverá acontecer um dia a seu filho Gene (Vladan Kostig), um garoto de doze anos. Entretanto, em virtude de saber que existem médicos nos Estados Unidos que podem operar seu filho isto foi o suficiente para fazê-la imigrar para o país. Ela trabalha muito duro e guarda tudo o que ganha para a cirurgia do filho. Bill (David Morse) e Linda (Cara Seymour), seus vizinhos, juntamente de Kathy (Catherine Deneuve), uma colega de fábrica, a ajudam no que é possível, mas quando Bill se vê em dificuldades financeiras rouba o dinheiro que Selma tinha economizado duramente. Este roubo é o ponto de partida para trágicos acontecimentos.

Conversa com curador

Posso dizer que a escolha de “Dançando no Escuro” para esta edição do CinePET se deve muito ao carinho que tenho tanto pelas obras do diretor Lars Von Trier quanto pelo trabalho musical da cantora Björk, protagonista do filme, mas especialmente pelo carinho que nutro por filmes musicais, de forma semelhante ao que a protagonista Selma sente e que, de certa forma, é o que faz com que eu me aproxime tanto dela e que me torne tão mais sensível à tragicidade de sua história. Mas, para além dos aspectos subjetivos e sentimentais, acredito que Selma, acompanhada de seu coração de ouro, pode ser uma representação de diversos sujeitos que são encontrados fora do mundo ficcional e que são atravessados pelos diversos processos sociais que marcam a personagem. Assim ela se constrói como uma crítica à sociedade que oprime pessoas como ela. E, como aponta Raymond Williams, a arte não funciona meramente como um reflexo da realidade, mas sim como uma resposta. Portanto, a história de Selma é uma resposta a essa sociedade neoliberal que se sustenta a partir da ilusão, da exploração, da misoginia, do capacitismo, da xenofobia e que massacra cotidianamente corpos como o dela.

O que há para ver?

Texto de Roberto Nascimento

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos entenderam que os conflitos não se fazem apenas com tanques e armas, mas também com propaganda. Os vitoriosos narram suas histórias em cima dos derrotados e quem domina os meios de comunicação manipula a opinião pública. A bem da verdade, os EUA conhecem sensacionalismo desde a primeira metade do século XX, como é o caso da “imprensa marrom”, criada pelo milionário William Randolph Hearst, em cujas colunas publicavam figuras notórias como Herman Göring, Alfred Rosenberg, Benito Mussolini e o próprio Adolf Hitler (qualquer semelhança com outro bilionário contemporâneo dono de uma grande rede de comunicação, defensor da “liberdade de expressão” e bajulador de fascistas não é mera coincidência). Claro, valores éticos e políticos não estão necessariamente associados somente aos textos publicitários, como é o caso dos musicais. Gênero tipicamente americano, o musical deu sobrevida ao cinema das primeiras décadas do século XX (em uma combinação *sui generis* das tradições do *vaudeville*, do burlesco, da opereta, entre outros gêneros) e permitiu que ele sobrevivesse e fosse mundialmente exportado mesmo após a crise de 1929. Como recurso compensatório, os filmes ofereciam um vislumbre de riqueza, harmonia, felicidade, cores, glamour que ostensivamente era negado no Real, este repleto da pobreza herdada pela crise de 1929, dos desmembrados da Primeira Guerra, dos jovens desolados que agora marchavam em direção à Segunda, sem falar no cotidiano racista que, no caso dos EUA, daria um capítulo à parte. Nos musicais, como afirma o filme de von Trier: “sempre haverá alguém para nos carregar enquanto caímos”. Enquanto a personagem principal de *A Noviça Rebelde* (*The Sound of The Music*, 1965) cantava alegremente sobre a vida e a música natural dos campos, o presidente John F. Kennedy era assassinado com um tiro na cabeça durante um comício. Cegueira?

Por falar em cegueira, *A Noviça Rebelde* é o musical preferido de Selma. Condenada geneticamente a perder a visão, Selma migra para os Estados Unidos com objetivo de evitar que seu filho Gene (o escárnio do nome figura entre as ironias do filme) receba o tratamento adequado. Assídua consumidora de musicais, Selma crê com todas as forças que na chamada “terra da liberdade”, onde o glamour e o brilho nunca têm fim, encontrará o caminho para cura do filho e, de quebra, atuará como uma grande estrela. Não é um final grandioso que a espera: penando em uma dupla jornada de trabalho mal-remunerada (sem mencionar o trabalho não remunerado de mãe solo e dona

de casa), Selma é enganada por seu locatário, o qual tenta roubar todo seu dinheiro. A sonhadora mãe dispara contra ele e tenta escapar, mas é capturada e condenada à morte. Sem nos aprofundarmos muito, convém destacar, neste tema, o quanto a cegueira do filme está espalhada por todos os lados: Bill (nome que carrega outra ironia do filme) que prefere a morte a admitir sua incapacidade de cumprir o papel de macho provedor; Linda que admite Selma como uma amiga “quase da família”, mas que mal consegue esconder um ciúme doentio e é a primeira a acusá-la; Cvalda que tenta a todo o custo (por razões compreensíveis) esconder sua origem estrangeira, preferindo o americaníssimo nome Kathy, mas cujo sotaque é revelador; isso sem entrar em detalhes na farsa do tribunal, onde os advogados de Selma não têm voz. De certa forma, a cegueira de Selma começa antes da degeneração ocular, pois como poderia ela acreditar que é nos EUA, país em que qualquer tentativa de defender saúde pública é considerada “coisa de comunista”, onde seria possível encontrar tratamento médico para o filho?

Contudo, não podemos acusá-la com tanto fervor, afinal, o que pode o indivíduo diante da fábrica de sonhos que é o cinema? Com a ascensão da internet, sentimos mais uma vez o gosto amargo da “imprensa marrom” na forma de *click baits* e *fake news*. Quando questionada se estaria ou não ficando cega, Selma responde com outra pergunta: “o que há para ver?”. Em uma leitura a contrapelo, a questão soa como um desafio à audiência.

Conhecendo a artista: Björk



Nascida em 21 de novembro de 1965, Björk é cantora, compositora, instrumentista e atriz islandesa. Conhecida especialmente pela sua carreira musical, a artista é lembrada por trazer elementos de vanguarda à música pop, estando ao lado de figuras como Kate Bush nesse sentido. Ao longo de sua carreira a artista emplacou diversos álbuns clássicos, como *Debut* (1993), *Post* (1995), *Homogenic* (1997) e *Vespertine* (2001). Sucesso de crítica também no cinema, Björk ganhou o prêmio de melhor atriz no Festival de Cannes por sua atuação no filme *Dançando no Escuro*, de Lars Von Trier.

Indicação de música: Pagan Poetry, de Björk



Parte do álbum *Vespertine* (este que estava em produção ao mesmo tempo em que Björk estava atuando no filme *Dançando no Escuro*), *Pagan Poetry* é uma música que lida com temas como amor e desejo tanto em esferas emocionais, mas, também, físicas, onde o eu lírico se encontra em um estado conflituoso dentro de um contexto de novas descobertas sobre o corpo e o prazer.

"Nada Sobre Nós, Sem Nossos Corpos! O Local do Corpo Deficiente nos Disability Studies"

Texto de Marco A. Gavério

O artigo de Marco A. Gavério "Nada Sobre Nós, Sem Nossos Corpos! O Local do Corpo Deficiente nos Disability Studies" produz um balanço crítico das principais formulações conceituais que sustentaram os chamados *Disability Studies* que emergiram entre as décadas de 1980 e 90 nos círculos de pesquisa euro-americanos. O estudo acompanha as transformações destes pilares conceituais com o passar do tempo e como o desenvolvimento epistemológico associado a este campo reproduziu e produziu noções específicas e contraditórias sobre o corpo deficiente. Neste período de produção dos anos 1980, houveram avanços significativos na teorização da deficiência como uma questão social e cultural ao invés de apenas um dado meramente orgânico e biológico. Porém, como ressalta Gavério, essas teorizações com sua construção binominal a respeito do corpo imputado como deficiente, dividindo-o entre a dimensão biológica do impedimento (*Impairment*) e a dimensão social da "deficiência" (*disability*) acabou por tratar o corpo deficiente como um dado orgânico imutável, marginalizando a relevância da historicidade e sociabilidade que necessariamente constituem de forma imbricada a própria noção biológica do que seria "o corpo deficiente" em contraponto a ideia do corpo saudável. Após apresentar um balanço crítico a respeito dos caminhos tomados pela produção intelectual e científica da temática nos anos posteriores, Gavério propõe reconceitualizar o corpo deficiente não como objeto de correção e cura, mas como formas variadas de experiências e identidades, destacando a importância de reconhecer as dimensões políticas e históricas que moldam os corpos deficientes, argumentando que essas dimensões devem ser centralizadas nas elaborações dos *Disability Studies*, e que quaisquer estudos ou elaborações políticas sobre "deficiência" necessita incluir as perspectivas e diferentes materialidades dos corpos deficientes, não apenas como objeto de estudo monolíticos, mas como agentes dotados de subjetividade e capazes de produzir sua própria existência.



A Multiplicidade do Cuidado na Experiência Deficiente

Texto de Helena Moura Fietz e Anahi Guedes de Mello

O texto explora as complexidades do cuidado no contexto da deficiência, enfatizando a importância da autonomia e independência das pessoas com deficiência. Assim, as autoras discutem como o cuidado pode ser interpretado de diversas maneiras, incluindo superproteção e negligência, e como essas interpretações afetam as relações entre mães, cuidadores e pessoas com deficiência. Fietz e Mello abordam três concepções do cuidado no contexto da deficiência: cuidado como superproteção, como educação e como violência. A pesquisa foi realizada em Porto Alegre e Belo Horizonte, onde foram coletadas experiências de mães e mulheres com deficiência, revelando a luta constante contra estigmas e preconceitos sociais. A ideia de cuidado como superproteção refere-se à tendência de cuidadores, especialmente mães, de adotarem uma postura excessivamente protetora em relação às pessoas com deficiência. Essa superproteção, embora motivada por um desejo de garantir segurança, pode limitar a autonomia e a capacidade de aprendizado da pessoa cuidada, criando uma dinâmica de dependência. Isso pois, há certa resistência de algumas mães em permitir que seus filhos realizem atividades sozinhos, como se vestir ou, até mesmo, comer, por medo de que não consigam. Nesse sentido, é abordado o cuidado como educação, aqui enfatiza-se a importância de ensinar e promover a autonomia da pessoa com deficiência. Desse modo, os cuidadores são incentivados a permitir que a pessoa participe ativamente de sua vida, mesmo que isso envolva riscos e a possibilidade de cometer erros. Por fim, o cuidado como violência destaca as dinâmicas opressivas que podem surgir nas relações de dependência. Quando as necessidades da pessoa com deficiência são definidas unicamente pelo cuidador, desconsiderando sua singularidade e desejos, isso pode levar a situações de violência física ou emocional. Assim, o cuidado deve ser visto como um espaço de aprendizado e crescimento mútuo, onde todos os envolvidos podem se beneficiar de uma relação mais equilibrada e respeitosa. Assim, as três concepções revelam a complexidade do cuidado e a importância de encontrar um equilíbrio que promova tanto a proteção quanto a autonomia, evitando a opressão e a violência nas relações entre cuidadores e pessoas com deficiência.



Trabalhos de amor perdidos? Feminismo, Movimento de Pessoas com Deficiência e éticas do cuidado

Texto de Bill Hughes, Linda McKie, Debra Hopkins e Nick Watson

O dossiê “Desafios do Cuidado: Gênero, Velhice e Deficiência” surge de uma iniciativa para repensar as formas de cuidado. Sendo a deficiência o eixo temático do PETzine do mês de outubro, o capítulo escolhido se torna pertinente, uma vez que os autores apresentam visões contrastantes sobre o conceito de "cuidado", destacando as diferenças entre a perspectiva feminista e a do Movimento de Pessoas com Deficiência (MPcD). O artigo aponta que, enquanto o feminismo tende a valorizar o cuidado como uma expressão de intimidade e reciprocidade, o MPcD frequentemente critica essa noção, considerando-a uma forma de dominação que limita a autonomia das pessoas com deficiência. A discussão começa com a identificação de abordagens contrastantes sobre o cuidado, em que o feminismo enfatiza a importância emocional do "preocupar-se com" e "cuidar de", enquanto o MPcD vê o cuidado como uma barreira à emancipação. Para o MPcD, o cuidado é frequentemente demonizado, sendo suas conotações emocionais vistas como inibidoras de projetos de autodeterminação. Em contrapartida, feministas argumentam que, nesses contextos, a independência é vista como uma característica desejável, muitas vezes associada à figura do "homem forte", que não depende de ninguém. Entretanto, a crítica feminista sugere que essa ênfase na independência pode deslegitimar o cuidado, que é essencial para a vida em sociedade. Assim, em vez de buscar uma independência absoluta, é mais saudável reconhecer a interdependência entre os indivíduos, pois todos, em diferentes momentos, precisam de apoio e cuidado. Nesse sentido, o texto sugere que a leitura pós-feminista de Irigaray pode oferecer novas perspectivas para entender essas tensões entre os dois movimentos. Apesar de a busca por dignidade e inclusão ser um ponto comum entre eles, as abordagens e prioridades diferem significativamente, revelando a complexidade das relações sociais em torno do cuidado.

Mommy



“Mommy” (2014) é um filme canadense dirigido por Xavier Dolan, que conta a história de Steve, um menino com TDAH e que possui dificuldade de se encaixar devido ao seu comportamento impulsivo e violento. O filme se inicia após ele voltar a morar com sua mãe, que passa por diversos problemas financeiros e com quem nunca chegou a ter tanta proximidade, principalmente por ter sido mandado para estudar em internatos durante toda a vida. A história da mãe e do filho é marcada pela chegada de uma nova vizinha, uma ex-professora que lida com traumas do passado e que começa a dar aulas para Steve, iniciando assim uma amizade que se desenvolve em uma relação quase familiar com os dois ao longo da história. A partir da história conflituosa de Steve com sua mãe, o filme nos faz refletir sobre como se dão as relações de cuidado com pessoas com deficiência no núcleo familiar e levanta questionamentos sobre os efeitos da institucionalização nessas pessoas e, através de Steve, nos mostra os processos de agência e de resistência presentes nesses corpos.

Medo de um planeta aleijado? – Notas para possíveis aleijamentos da sexualidade

Texto de Marco A. Gavério

No artigo, Marco Gavério busca elencar pontos de encontro entre deficiência e sexualidade a partir dos *disability studies* e da teoria *queer*. Para isso, ele mobiliza uma série de proposições de tais áreas de estudo e sugere que um eixo comum entre elas é a crítica aos discursos normalizantes de um corpo considerado capaz, por um lado, e da heterossexualidade, por outro. Se a última é historicamente atrelada a uma reprodução social normal e natural, o mesmo ocorre com um corpo compreendido enquanto saudável e funcional. Baseado nisso, o sociólogo afirma que, com o desenvolvimento do capitalismo no século XIX, o indivíduo que ganhou destaque foi aquele com um corpo produtivo considerado eficiente para o trabalho. A deficiência, desde o discurso médico, era compreendida como um modo de classificar determinados corpos a partir de suas capacidades físicas, sem levar em conta a sociedade em que estavam inseridos. Isso foi questionado pelo movimento político deficiente, na segunda metade do século XX, que teve como objetivo despatologizar a deficiência e compreendê-la como inserida em um contexto social de opressão – cujos problemas não teriam como origem o indivíduo, mas seu coletivo. Além disso, Gavério resgata o autor *queer* e dos *disability studies* Robert McRuer e a noção de aleijão que propõe. Segundo ele, uma chamada “corponormatividade”, em oposição a uma “incapacidade”, ainda é compreendida como natural e normal. Desse modo, a teoria *crip* procura perceber como corpos e deficiências são localizados temporal e espacialmente e, também, são formas de resistência à homogeneização cultural. Ela pode ser uma possibilidade para aleijar o *queer*, que ganhou o status de identidade ao longo das últimas décadas, de modo diferente de corpos que continuaram a ser compreendidos enquanto inaptos e doentes. Com base num exemplo prático, o sociólogo afirma como eles demonstram a fragilidade e a incoerência de discursos normalizantes, que são facilmente ameaçados, bem como desestabilizam a divisão capaz/incapaz.



Sua cadeira é um tesão - Crônica

Texto de Paul B. Preciado

Presente na coletânea "Um apartamento em Urano: Crônicas da Travessia" (2020), "Sua cadeira é um tesão" é uma crônica escrita pelo filósofo Paul B. Preciado no ano de 2015. O texto começa com um questionamento do autor ao imaginário coletivo existente do corpo sexualmente desejável, ou seja, branco, magro, ativo, autônomo e reprodutivo e aponta como esse imaginário coletivo é produtor de diversos tipos de opressão, principalmente sexual, que se materializam especialmente sobre corpos com deficiência, criando um antagonismo entre deficiência e sexualidade.

O autor, porém, mostra como alguns movimentos, chamados *handi-queer*, têm buscado desfazer essa distinção ao reivindicar a sexualidade para corpos com diversidade funcional, principalmente em materiais discursivos, como na pornografia, por exemplo. As motivações desses movimentos se baseiam principalmente na rejeição da patologização das diferenças corporais e neurológicas ao mostrar que a deficiência não é um dado natural, mas sim um processo político e social de incapacitação desses corpos.

Preciado cita duas produções fílmicas que exploram a sexualidade dos corpos com diversidade funcional: os filmes "Yes, We Fuck" e "Yo Me Masturbo" (e que ficam como recomendação também). Esses filmes reivindicam a sexualidade para corpos dissidentes e questionam as visões normativas sobre a experiência da sexualidade e que fogem à sua função reprodutiva.

Antropologia do devir: psicofármacos – abandono social – desejo

Texto de João Biehl

Esse texto tem diferentes facetas que o compõem, abrangendo temas que vão desde a medicalização da vida, passando pelo abandono de pessoas com deficiência e/ou doenças crônicas até papéis de gênero inscritos na sociedade. Para realizá-lo, Biehl (2008) acompanhou Catarina, uma mulher que vive em um asilo chamado Vita em Porto Alegre. Sua saúde frágil e uma condição cujo nome é Machado-Joseph por muito tempo levantaram dúvidas para a família sobre sua condição psíquica, fazendo com que acreditassem que ela estava com algum desvio cognitivo sério. Nisso, Catarina acaba por se tornar uma espécie de laboratório humano alvo de diversos medicamentos psicotrópicos e reguladores de humor para estabilização de uma suposta desordem mental – esta que, por sua vez, nunca fora seriamente diagnosticada. Biehl (2008) expõe no texto que as diversas tentativas de dar conta disso mediante medicação provaram-se infrutíferas, restando, portanto, apenas uma saída para a família: colocá-la em uma casa de repouso clandestina incapaz de oferecer os devidos cuidados. Sob essas condições de adversidade é que Catarina se reinventa e utiliza da escrita como uma forma de produzir uma nova subjetividade. Embora muitas vezes os fragmentos pareçam muito confusos, eles estão inseridos em uma teia de significados que dizem respeito à situação de Catarina e como ela se enxerga no mundo. A produção escrita de Catarina é entendida como um dicionário na medida em que novas palavras integram o seu imaginário em um esquema rizomático sem um ponto de partida em específico, mas que configuram um desejo de reconexão com o mundo exterior.

Aleijando as políticas *queer*, ou os perigos do neoliberalismo

Texto de Robert McRuer

O teórico *queer* e dos *disability studies* Robert McRuer propõe, no ensaio, que uma política *queer* deve ser, também, aleijada (*crippled*). Entretanto, isso é dificultado pelo neoliberalismo contemporâneo, já que esse sistema econômico-político oferece um reconhecimento limitado para representar gays ou deficientes. Isso depende, segundo o autor, da aceitação de normas dominantes quanto ao corpo, ao gênero e à sexualidade. Tal cenário pode impedir a formação de alianças entre *queers* e *crips*, pois cada um dos grupos recorre a políticas puramente identitárias que excluem o outro. A partir da retórica desenvolvimentista, iniciativas progressistas geralmente são capturadas por projetos neoliberais que não visam a uma mudança social radical. Com o exemplo da posição a favor do casamento entre pessoas do mesmo sexo, McRuer afirma que o movimento LGBT – assim como o deficiente – abriu mão de reivindicações mais amplas e subversivas pela aceitação política e pelo mercado. Enquanto a representação dominante da pessoa *queer* atual se encontra distante de alguém com deficiência, o movimento de indivíduos deficientes também defendem uma assimilação à família. Se o neoliberalismo é um sistema flexível que incorpora reivindicações de diversos movimentos para se manter, o teórico nos diz que a ênfase no casamento entre pessoas do mesmo pode ser útil para ele. Além disso, a partir de um exemplo prático, acerca do encontro de 2007 do Fórum Social Mundial (FSM), em Nairóbi, evidencia como a deficiência pode ser útil para o neoliberalismo, em detrimento do movimento *queer*. No evento, foi-se utilizada a noção de que a deficiência se relaciona com a pobreza, o que desemboca na compreensão de que a primeira causa a segunda. Isso impede não só uma crítica ao capital, mas a possibilidade de que a deficiência seja um lócus para criticá-lo. De acordo com o teórico, nem um dos dois movimentos aqui elencados são monolíticos; pelo contrário, podem ser mobilizados de modo convergente ou divergente: há diferentes formas de ser aleijado e *queer*.



Inclutopia – Canal no Youtube

A vivência das pessoas com deficiência por diversas vezes é atravessada por uma relação conturbada com o sistema educacional. Seja no que diz respeito a alunos ou funcionários, deficiências físicas, intelectuais ou psicossociais, estes espaços estão permeados por uma série de desafios que abrangem desde violência física e simbólica, preconceito e isolamento até a falta de estrutura, adaptações e atividades formativas e avaliativas produzidas conforme as especificidades e necessidades dos alunos. Neste contexto de inadequação, desinformação e dos diversos obstáculos presentes nas instituições educacionais, a produção de material a respeito do processo didático e pedagógico voltado a pessoas com deficiência torna-se particularmente relevante. Levando estes aspectos em consideração, o canal Inclutopia no YouTube é dedicado à temas como a inclusão escolar, estratégias pedagógicas para estudantes com deficiência ou autismo, e a importância de um ambiente educacional acessível para todos, o canal oferece dicas, palestras, e recursos educacionais para professores, alunos, pais e educadores em geral.



Deficiência como categoria analítica – Trânsitos entre ser, estar e se tornar

Texto de Pedro Lopes

O texto discorre sobre as complexidades da categorização entre "deficiência intelectual" e "pessoa especial" no contexto das relações políticas e sociais. O autor utiliza de ferramentas etnográficas e, como um antropólogo, destaca a importância de compreender essas terminologias etnograficamente, em vez de se ater a definições rígidas ou inflexíveis. Durante o texto menciona-se que "deficiência intelectual" é um termo acordado internacionalmente, enquanto que o termo "especial" surgiu no contexto das Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais no Brasil, sendo frequentemente rejeitado por diversos movimentos sociais.

O texto é "ilustrado" por sua interação com Henrique, um participante de uma empresa que lida com pessoas com deficiência. Apesar de sua comunicação tida como limitada, Henrique estabeleceu relações bastante significativas e era muito querido por todo o grupo. O autor destaca que a percepção de deficiência muitas vezes é moldada por suposições capacitistas, e que tais suposições podem obscurecer as habilidades e capacidades reais dos indivíduos em questão.

Através das interações com Henrique, o autor propõe que a deficiência deve ser entendida como uma categoria analítica que revela dinâmicas sociais mais amplas e complexas, questionando como as classificações influenciam as relações sociais, de poder e reconhecimento. O texto aborda os desafios quanto a estudar noções de deficiência, destacando que, para a antropologia, tais estudos podem enriquecer ou aprimorar a compreensão das hierarquias e desigualdades sociais, pois ao abordar a deficiência como uma categoria analítica, podemos melhor entender as diversas formas de experiência corporal e as relações sociais que delas emergem.



Gramáticas do capacitismo – diálogos nas obras entre deficiência, gênero, infância e adolescência

Texto de Martha Cristina Nunes Moreira, Francine de Souza Dias, Anahi Guedes de Mello e Sara Wagner York

Esse texto tem como objetivo discutir o capacitismo sob duas perspectivas: como discriminação contra pessoas com deficiência e como uma estrutura de opressão que hierarquiza/organiza capacidades corporais segundo determinados padrões de “normalidade”. O capacitismo é visto então como uma normatividade que exclui outras corporalidades, jogando essas outras corporalidades para a margem de políticas públicas e da vida social.

A interseccionalidade é um tema central, destacando que outros grupos sociais também podem ser considerados “menos capazes” dentro dessa lógica “cisheteronormativa”, como em casos de racismo, sexismo e até ao pensar as diferentes noções de infância e uma noção “universal” de “adultocentrismo”. De certo modo, o texto argumenta que também a questão da deficiência deve ser reconhecida como uma categoria de análise nas Ciências Sociais, com foco na construção de um debate amplificado e na luta por direitos.

Ainda em crítica a essas noções hierarquizadas “cisheteronormativas”, o texto aborda também a medicalização dos corpos intersexo, práticas corretivas e a exclusão dessas experiências das discussões sociais. Enfatiza-se a importância de uma linguagem inclusiva e da necessidade de políticas públicas que reconheçam a diversidade corporal, especialmente em relação a crianças e adolescentes.



QUEM ESCREVE PELA DEFICIÊNCIA NO PENSAMENTO SOCIAL BRASILEIRO?

Texto de Fagner Carniel e Anahí Guedes de Mello

No artigo "Quem escreve pela deficiência no pensamento social brasileiro?", Fagner Carniel e Anahí Guedes de Mello discutem a invisibilização e a marginalização das questões relacionadas à deficiência nas produções acadêmicas e sociais do Brasil. Os autores argumentam que o discurso hegemônico muitas vezes não contempla as vivências e perspectivas das pessoas com deficiência, o que resulta em um apagamento das suas realidades, lutas e reivindicações. Eles analisam como a deficiência é frequentemente abordada de maneira estigmatizada, reforçando preconceitos e limitando a compreensão das complexidades dessas vivências. Ao destacar a importância de uma produção crítica e inclusiva, Carniel e Guedes de Mello propõem a necessidade de um olhar que reconheça a enorme diversidade das experiências de deficiência, promovendo assim uma verdadeira representação e valorização desse tema nas ciências sociais. Essa discussão visa não só aumentar a visibilidade das pautas das pessoas com deficiência, mas também fomentar um debate mais amplo sobre a inclusão e a justiça social no contexto brasileiro.

FIQUE DE OLHO

Nos próximos tempos teremos diversas atividades sendo realizadas pelo PET Ciências Sociais, vamos deixar um pequeno calendário desse mês para que você possa acompanhar tudo.

21/10 - Minicurso “Vivências na Ballroom - Transcruzamentos entre saberes: raça, gênero e sexualidade” - Exibição de documentário

28/10 - Minicurso “Vivências na Ballroom - Transcruzamentos entre saberes: raça, gênero e sexualidade” - Aula prática de Vogue Femme

28/10 - Divulgação do resultado do processo seletivo para nove integrantes do PET

Em breve divulgaremos mais eventos!

Fale conosco

Esse zine é resultado de um projeto coletivo do grupo PET (Programa de Educação Tutorial), que atualmente conta com os integrantes Alessa Coelho Lauriano, Ariel Gomides Ferreira, Breno Bach Taques Camargo, Eduardo Henrique Leão Ruaro, Fernanda Tomazini, Hector Prestes, Hericsson Bueno Marchiorato, Juliana Thiemi Muraoka Vicente, Kailany Pereira Barros, Luis Felipe Siquinel, Márcio Rocha, Pedro Henrique Romano e Victor Arthur Salles Teixeira, além da tutora Andrea Carvalho Mendes De Oliveira Castro. Outras atividades também são desenvolvidas pelo grupo, tais como: o CinePET, atividade na qual são exibidas produções fílmicas acompanhadas por debates e discussões de ordem social; o PETcast, onde conversamos com professores e pesquisadores convidados sobre suas pesquisas e trajetórias; PETmídias, em que divulgamos nossas atividades e produzimos posts de indicação de leituras, filmes ou séries.

É importantíssimo destacar que a existência do grupo PET só é possível devido ao investimento público nas Universidades.



Instagram: @petcsufpr



e-mail: csociaispet@gmail.com



youtube: @petcienciassociaisufpr



spotify:

